

MOBILIDADE ESPACIAL E CULTURAL: ROMEIROS NEGROS DO PADRE CÍCERO NO CEARÁ E NO NORTE DO TOCANTINS

Marcos Pereira Neto ¹
Alex Ratts ²

RESUMO

O texto aponta uma análise sobre a mobilidade espacial de romeiros e romeiras do Padre Cícero que migraram de uma parte do nordeste para uma parte do norte do país. Essa mobilidade além de ser contextualizada no espaço é pensada a partir do movimento e do incremento de cultura católica popular na migração. Ao chegar ao norte do estado do Tocantins a herança católica popular de devoção a Padre Cícero continua com algumas marcas simbólicas, mesmo que os grupos que chegam sejam distintos de espacialidades e temporalidades diferentes. Nos procedimentos metodológicos contamos com revisões bibliográficas e pesquisas de campo. A inter-relação da cultura tanto no Ceará como no Tocantins nos mostra a justaposição da devoção a Padre Cícero e no catolicismo popular.

Palavras-chave: Mobilidade espacial; Catolicismo popular; Norte do Tocantins; Cariri cearense.

ABSTRACT

The text provides an analysis of the spatial mobility of Padre Cícero pilgrims who migrated from a part of the northeast to a part of the north of the country. This mobility, in addition to being contextualized in space, is thought of based on the movement and increase in popular Catholic culture during migration. Upon arriving in the north of the state of Tocantins, the popular Catholic heritage of devotion to Padre Cícero continues with some symbolic marks, even if the groups that arrive are different from different spatialities and temporalities. In the methodological procedures we rely on bibliographic reviews and field research. The interrelationship of culture in both Ceará and Tocantins shows us the juxtaposition of devotion to Padre Cícero and popular Catholicism.

Keywords: Spatial mobility; Popular Catholicism; North of Tocantins; Cariri, Ceará.

INTRODUÇÃO

A pesquisa estuda um grupo de romeiros do Padre Cícero que migraram para o norte de Goiás, atualmente estado do Tocantins. Esses romeiros estavam em busca de um morro, no qual encontraria um cruzeiro, destinado pelo Padre, e ali fixariam moradia, pois, teriam

¹ Doutorando do Curso de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - UFG, marcos.neto@discente.ufg.br;

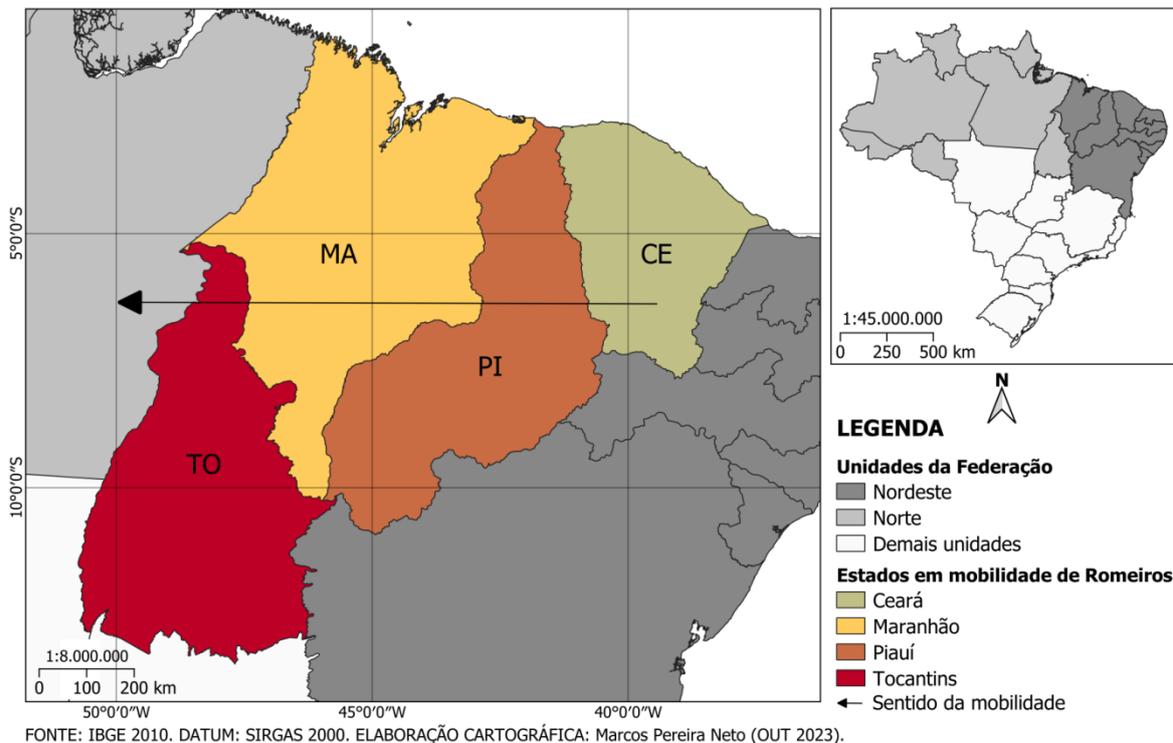
² Orientador, Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - UFG, ratts@ufg.br;



encontrado sua terra prometida. Esse movimento ficou conhecido como Bandeiras Verdes (Pereira Neto, 2021) e é bastante comum encontrar camponeses nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins que migraram para a região em busca dessas bandeiras (Sader, 1986). As localidades que aqui serão estudadas encontram-se, no estado do Ceará, na porção sul, conhecida como Cariri cearense, e no estado do Tocantins, na porção norte e noroeste, tendo a Amazônia como bioma predominante.

Aqui será feita uma demonstração da mobilidade de uma parte do Brasil (Mapa 01). O que liga o Ceará e a região Nordeste – Maranhão e Piauí, principalmente – do Padre Cícero ao norte do país, na região Amazônica – verde – depois e/ou no interflúvio dos grandes rios – Araguaia e Tocantins. Capelas, cruzeiros, morros, imagens de padres e santos, rezas, danças e teatros, festas do Divino Espírito Santo e de Santo Reis, assim é a ligação dos interlocutores com o lugar e a memória individual/coletiva do catolicismo popular dos romeiros e romeiras do Padre Cícero na territorialidade das Bandeiras Verdes com os geossímbolos.

Figura 01 - Mapa da mobilidade de uma parte do país



A mobilidade aqui pensada é de uma parte do país, que liga uma parte do nordeste a uma parte do norte, na direção oeste. Essa mobilidade vai ser colocada pelos romeiros e romeiras como em busca das Bandeiras Verdes, mas também em sua essência na busca por lugares de terra livre, terras estas prometidas na narrativa de Padre Cícero. A migração para as



Bandeiras Verdes podem ser entendidas como migração de trabalho, mas também uma migração cultural, como toda a carga trazida de cultura do catolicismo popular.

O texto está composto pelo referencial teórico de noções iniciais acerca do pensamento de migrações, Bandeiras Verdes e mobilidade espacial, seguindo de uma amostra da pesquisa em relação à cultura do catolicismo popular tanto em Juazeiro do Norte com no norte do Tocantins, na região dos morros onde se encontram alguns dos romeiros que migraram.

METODOLOGIA

Procedemos metodologicamente de forma qualitativa, utilizando de recursos bibliográficos, textos, livros, artigos, dissertações e teses, e também de arquivos da categoria do áudio visual. Visitas a campo nos leva ao entendimento de certos fatores não tão explícitos e contribui para averiguação dos recursos bibliográficos in loco. A pesquisa tem aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Goiás.

MIGRAÇÕES, BANDEIRAS VERDES E MOBILIDADE

Deslocar-se como um ato de recomeçar em outro local é uma das ações mais comuns para nossa natureza humana. Os grupos humanos expandem seus deslocamentos entre áreas conhecidas e a se conhecer, migrando por diversos aspectos. A professora Amélia Damiani é explícita em nos escrever que “O fenômeno do povoamento não poderia ser compreendido sem as migrações” (1992, p. 61).

Pensar o povoamento de uma parte do país onde em meados da década de 1950 era composta por uma baixíssima densidade demográfica [lê-se também, anterior à chegada dos agentes do capital], é pensar em movimentos migratórios intensos para essa região. Assim era a vivência espacial do norte do antigo Goiás, hoje Tocantins, sudeste do Pará e sudoeste do Maranhão.

As proximidades dos rios Tocantins e Araguaia foram palco de um movimento denominado de Bandeiras Verdes, e é esse movimento que foi gerador de deslocamentos de vários grupos para as regiões supracitadas. As Bandeiras Verdes podem ser entendidas como lugar, pois, o migrante, o camponês que a tem como destino final na sua mobilidade já concretiza um sentimento de pertencimento com esse lugar a se chegar antes de começar seu

deslocamento, mas não existe um local exato das Bandeiras Verdes, são localidades distintas, pelo menos três estados e dois grandes rios que a fazem referência.

É nesse contexto que a denominamos como uma narrativa espacial, pois:

As Bandeiras Verdes são as áreas onde há mata, água, lugar para plantar e viver, no entanto, não existe um ponto exato de onde sejam, onde se começa e onde se termina isso me fez pensar nas Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial, uma narrativa geográfica, pelo fato da mobilidade, a incerteza do lugar que não é conhecido, ao chegarem se tornam sujeitos espaciais mantendo os aspectos da fé em Padre Cícero e nas Bandeiras Verdes (Pereira Neto, 2021, p. 27).

Autores que trabalharam com a narrativa das Bandeiras Verdes as remete a Padre Cícero como o impulsionador da ideia. Ele teria aconselhado retirantes a procurar o oeste, após os grandes rios e fixar moradias nas áreas de mata, assim teriam paz na vida, moradia, água e terra para o alimento.

A cientista social Maria Antonieta Vieira traduz as Bandeiras Verdes como uma profecia, e para ela essa profecia “[...] é compartilhada por camponeses nordestinos e do centro-oeste, tendo sido, para muitos, o elemento desencadeador da migração para a Amazônia” (Vieira, 2001, p. 143). A autora considera que as Bandeiras Verdes permitiram uma ressignificação da ocupação territorial a partir de referências religiosas.

Por assim dizer, essa narrativa espacial combina dois elementos, ocupação territorial e aspecto religioso. Não em sua totalidade, mas quase sempre, a narrativa da direção se associa às matas e às montanhas/montes/morros. Essa exortação vem desde passagens bíblicas, como nos evangelhos de Mateus e Lucas, em que quando se vê a abominação da desolação, os que estiverem na Judéia devem fugir para os “montes”, e na profecia as montanhas é considerado o “centro” das matas (Vieira, 2001).

Essas narrativas, da cultura bíblica, das montanhas, das matas, permite o romeiro em mobilidade entender seu deslocamento na fronteira. Em geral quando se pergunta a romeiros o que são as Bandeiras Verdes costumam ser concisos: são as matas, matas grandes. Como nos falara em conversa, a benzedeira e devota do Padre Cícero em Juazeiro do Norte, dona Maria Izabel conhecia a profecia, para ela as bandeiras são “*as matas... as Bandeiras Verdes são as bandeiras da natureza*” (Maria Izabel, 65, entrevista cedida em 14 de outubro de 2022, Juazeiro do Norte-CE).

Então os depoimentos dados às autoras e autores expressam versões diferentes, mas que apontam para um núcleo comum, a partir disso é possível captar as Bandeiras Verdes como “[...] um lugar espacial, natural e social” (Vieira, 2001, p. 150). Primeiramente um lugar espacial, ou seria melhor nominá-lo como uma direção, uma direção que aponta para onde se

deve ir. Essas bandeiras ficam a oeste, onde existem as matas, coincidindo com a fronteira inexplorada pelos agentes do capital, depois dos grandes rios, Araguaia e Tocantins.

Padre Cícero mandava o povo procura a Bandeira Verde, travessar o rio grande pra o outro lado. E rio grande pra cá, pra Bandeira Verde, é o Tocantins e o Araguaia. (Bento, Barreira de Campo, 1988. Entrevista cedida a Vieira, 2001, p. 150)

E mesmo sem um local exato da narrativa, que gera várias espacialidades, a direção está bem definida pelos romeiros. A direção oeste, seguindo o por do sol, rumo às matas dos grandes rios. Assumindo este local a oeste, estando referindo ao lugar natural, que seria expresso nas matas, verde. Destaca-se aí na narrativa, duas principais características, a mata como um lugar inexplorado e um lugar fértil. A mata é pensada como algo virgem, brava, pouco tocada pelo ser humano. Nesse caso, as populações indígenas são vistas também como parte deste mundo natural, já que a utilizam de forma controlada, trazendo à mata este aspecto de virgem. Essa mata, para alguns romeiros, pode ser nominada como gerais.

Apesar dos perigos dos animais e da densidade da mata virgem, ela tem outra face. É uma dádiva da fartura, abundância, a palha para as casas, as frutas. Este lugar verde, “[...] essas matas grandes... rios que nunca secam, um lugar bom que chove muito” (Vieira, 2001 p. 151) contrapondo o semiárido e as secas que assolavam o nordeste.

Em suma, um local inexplorado, de natureza fértil, das águas que nunca secam pode ser um lugar social para aqueles que não o têm, deixar as terras de dono e sair em procura das Bandeiras Verdes para trabalhar, concebido como um território livre.

Os significados das *Bandeiras Verdes* expresso nas *matas*: virgem, farta e livre – que se localiza a oeste – parecem opor-se ao terreno esgotado, à seca e fome e à terra *medida* e de *dono* característicos dos locais de origem, especialmente do nordeste. A divisão entre estes dois mundos aparece, em algumas versões, representada pelos rios Araguaia ou Tocantins (Vieira, 2001 p. 151 – grifos da autora).

Entendemos essas bandeiras como uma narrativa espacial, por essa narrativa de diversas formas de se explicar sua localização, e está não sendo única, que se compreendem em alguns estados, na Amazônia Oriental. A vontade de saber de um ponto fixo, preciso, é de uma ciência [moderna-colonial]. Algumas autoras e autores trazem em seus textos relatos de camponeses que mencionavam as Bandeiras Verdes como um lugar ao qual deveria encontrar/estar.

Maria Regina Sader que estudou a luta por espaço de camponeses no Bico do Papagaio observou em suas entrevistas que ao perguntar sobre as Bandeiras Verdes sempre os camponeses se referiam a ela. Para a autora, nessa perspectiva o espaço é percebido numa dimensão mística (Sader, 1986).

[...] o componente religioso de que se reveste o processo migratório para muitos dos habitantes do Bico: a busca das Bandeiras Verdes. A origem desse mito ainda é obscura para mim. Martins se refere a ele, apontando que a marcha para oeste desse campesinato antecede a abertura de estradas e a chegada dos fazendeiros, mostrando a existência de uma profecia definindo a direção tomada (Sader, 1986 p. 105).

Sader deixa claro ter descoberto por acaso, conversando com um posseiro, oriundo do Piauí. No teor da conversa ela pergunta se ele havia ouvido falar do Padre Cícero, e ele a disse que estava lá por conta da profecia. Para ele o padre teria dito que quando a situação piorasse, os fiéis deveriam partir dali, atravessar o grande rio e buscar as Bandeiras Verdes. Ninguém a falava da profecia sem ser perguntado diretamente. No trabalho da autora, as motivações da migração eram muitas, quando a mesma perguntava diretamente sobre as bandeiras é que as respostas vinham.

Outro autor, que a própria Sader cita acima, é o sociólogo José de Souza Martins. Ele estudou a fronteira agrícola e o campesinato, e encontrou grupos na região que estavam já territorializados ou em busca das Bandeiras Verdes:

Pude observar diretamente que as migrações espontâneas do Nordeste para a Amazônia, [...], estão motivadas por concepções milenaristas. [...], encontrei diversos grupos de camponeses que chegaram à região inspirados pelas profecias de Padre Cícero sobre a existência de um lugar mítico depois da travessia do grande rio. E tive notícia de um grupo desgarrado, empenhado na mesma busca, que se estabeleceu à beira do rio Tocantins. Esse lugar mítico é reconhecido como o lugar das Bandeiras Verdes, que ninguém sabe dizer exatamente o que é nem onde é. Mas seria reconhecido quando fosse encontrado, por ser um lugar de refrigério, de águas abundantes, de terras livres, em contraste com o Nordeste árido e latifundiário (Martins, 1997 p. 164).

Segundo Martins, os que procuram as Bandeiras Verdes andam em grupo, parentes ou vizinhos. Os pontos de origem de suas trajetórias são em geral o nordeste, é uma viagem longa e lenta, com paradas ao longo do trajeto. Em sua pesquisa, durante a década de 1990, o fenômeno vinha ocorrendo há aproximadamente cinquenta anos, tornando-se intenso na década de 1970 (Martins, 1997).

A historiadora Angélica Höffler em sua pesquisa de mestrado discutiu a profecia da floresta e da salvação na literatura oral nordestina. Ela tem como base as mesmas noções de Bandeiras Verdes das autoras citadas, como Sader. O que ela, trabalhando diretamente com nordestinos no Ceará tem de novo, são novos questionamentos e associações.

Para Höffler, os romeiros só empreendem o deslocamento e a travessia dos grandes rios graças à certeza e a devoção em Padre Cícero. Devoção, esperança e caminhada se encontram nessa mobilidade. Para ela, a própria denominação do lugar a se chegar é expressiva, pois bandeira eram os mutirões para trabalho em roças, estradas e açudes, incentivados pelo Padre Ibiapina e Padre Cícero como forma de com esforços unidos

combater a seca, – como exemplo colocado no capítulo anterior do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto – bandeira também como procissão religiosa, Divino Espírito Santo e Santo Reis. Então, pensar as Bandeiras Verdes como uma junção de todas essas bandeiras: a mobilidade rumo à Amazônia, o grupo coeso no vetor religioso que os impulsiona, e a devoção em Padre Cícero.

A floresta seria, portanto, o refúgio ideal para quando chegasse o Fim dos Tempos. Mas o que teria levado os fiéis a identificarem a Amazônia como a floresta indicada na profecia? Pensar nas migrações que para lá ocorreram, a partir de 1877, em busca de enriquecimento com a borracha, não é suficiente. A localização do Eldorado nessa floresta, bem como a sua busca pelos colonizadores, embora mereça ser levada em conta, também, não basta. Acredito que, para compreender a escolha da floresta amazônica como aquela que se localizam as Bandeiras Verdes, é preciso recuperar o mito da Terra sem Mal, buscada pelos tupis-guaranis. (Höffler, 2004 p. 16)

Percebe-se que as Bandeiras Verdes abrigam um conjunto de elementos que a tornam uma espécie de “Terra prometida”, de localização sem ponto fixo, porém forte o suficiente para impulsionar mobilidade de camponeses a deixarem seus lugares de origem e seguirem a direção indicada na narrativa.

A antropóloga Judith Lisansky entre 1978-1979 trabalhou no extremo norte de Mato Grosso em sua pesquisa sobre migração para a Amazônia pensando a colonização espontânea na fronteira encontrou grupos que estavam ali pelas Bandeiras Verdes.

A bandeira verde que você estava perguntando agora", disse ele, "significa florestas. Bandeira verde são florestas para a agricultura." "Disseram-nos, há muitos anos", disse ele, "que haveria uma guerra e muitos combates em Goiás. Havia tantas pessoas famintas. Então, Padre Cícero Romão Batista", ele continuou, referindo-se a um famoso herói popular, popularmente santificado do Nordeste do Brasil, "Padre Cícero explicou ao povo que precisávamos ir para as florestas, para os lugares com montanhas que pegam chuva. Padre Cícero explicou tudo. Ele disse que a partir de 1970 haveria bons tempos para todos nas regiões que tinham água. Então, os nordestinos vieram para cá. Nossa terra lá, ainda está lá, mas tudo secou. Todos os nossos animais morreram, e não havia mais nada para comer. Os mais velhos diziam que deveríamos ir para as matas do Mato Grosso, e assim eles foram embora e vagaram e caminharam por meses e meses, viajando, todos aqueles milhares de pessoas famintas". (Lisansky, 2019, p. 2). [tradução nossa]

Raimundo, o homem com quem conversa com Lisansky na narrativa acima, também lamenta a ela que após a década de 1970 os fazendeiros tomaram conta da região “*Mato Grosso and Pará are all shut off, all fenced off*” – estão todos fechados, todos murados (Lisansky, 2019, p. 2). O latifúndio chegou e expulsou o sertanejo das terras, deixando-os em alguns lugares sem terra novamente.

Pensando nas motivações religiosas e sociais dos deslocamentos em direção as Bandeiras Verdes, foram realizados estudos em Geógrafas e Geógrafos que se dedicaram aos estudos de migrações dos povos e mobilidade geográfica, como o francês Maximilien [Max.]

Sorre (1955; 1994), que entende a mobilidade de grupos a partir de uma ausência de equilíbrio dos recursos do lugar o qual este grupo se encontra.

Sorre é claro ao nos escrever que a origem do deslocamento deve ser buscada em todos os sentidos: “Mas, quase sempre, devemos buscar a origem de seus deslocamentos em suas necessidades, em seu modo de vida, até em seus imaginários”. (Sorre, 1955, p. 28) [tradução nossa].

Penso que essa mobilidade se coloca como a necessidade de encontrar novos recursos para viver em melhores condições. No caso dos romeiros do Pé do Morro, estes se encontravam em condições de insegurança financeira, sem terras, tendo que, também por meio da vontade e devoção em algo melhor, migrar para uma terra desconhecida. Max. Sorre (1994) enfatiza uma mobilidade que em sua estrutura tenha um caráter coletivo e que se busque algo, como ouro ou terra inexplorada:

Esses são movimentos elementares. Ocorre, todavia, que a mesma causa pode agir ao mesmo tempo sobre grande número de indivíduos, e dirigi-los para uma terra prometida sem que tenha havido acordo prévio entre si; a busca do ouro, por exemplo, ou a **procura de terras virgens**. A migração torna-se, então, um movimento de conjunto de tipo coletivo. (SORRE, 1994, p. 135) [grifo nosso].

O antropólogo, Marc Augé em seu livro *Por uma Antropologia da Mobilidade* (2009) nos remete a pensar a mobilidade em diversas escalas para uma possível compreensão das contradições que minam nossa história. E essas – as histórias [lê-se neste autor, narrativas] – têm tudo a ver com a mobilidade.

O fato das Bandeiras Verdes terem ligações com Padre Cícero me remete também a uma busca nos movimentos espaciais do estado do Ceará para a Bahia, agregando migrantes de outras províncias. Um deles, e o mais representativo, é o movimento para Canudos, denominado de movimento conselheirista ou movimento de Antônio Conselheiro. Para a historiadora Beatriz Nascimento (1981), a migração do grupo se dá a partir do estado do Ceará e tem uma grande significação, uma vez que no período o estado passara por um processo de espalhamento de populações escravizadas para o sudeste. Porém, a historiadora ressalta que não só haviam deslocamentos de escravizados, mas também, um deslocamento “de populações livres empobrecidas” (Nascimento, 1981 [2021] p. 204)

Sua afirmação nos remete ao modelo de deslocamento dos romeiros do padre no norte do Tocantins. Uma “transmigração”. Os grupos na mobilidade em busca das Bandeiras Verdes trazem características do movimento conselheirista:

Os laços de solidariedade, compadrio, parentesco e outros mais típicos de sociedades camponesas não capitalistas, são as instituições que esses imigrantes

estruturam em torno de Conselheiro, no seu trajeto até o Arraial de Canudos. (Nascimento, 2021 [1981], p. 208)

Max. Sorre ressalta que os deslocamentos dos grupos, essa transferência de civilizações e de técnicas, são constantemente chamados para explicar o estado atual das coisas. O autor defende principalmente a tese de que os povos migram por alguns motivos, entre eles a escassez de recursos e terra agricultável (Sorre, 1955). E é nesta junção do transmigrar de Beatriz Nascimento e transferir civilizações e técnicas de Max. Sorre, que trago a transposição ou transmigração das culturas.

O CARIRI CEARENSE E O NORTE TOCANTINENSE: uma inter-relação de culturas do catolicismo popular

O espaço no contexto da devoção em padre Cícero, tanto em Juazeiro do Norte, como em Aragominas, exhibe uma realidade da cidade que requerem uma análise, pois sua diferenciação geográfica com o entorno marca, de certa forma, o contexto local com o espaço em uso na romaria. Isso quer dizer que, os espaços utilizados pelos romeiros em devoção contêm uma paisagem urbana una, que pode estar aliada aos símbolos por eles utilizados.

Considerando estas espacialidades urbanas de Juazeiro do Norte e de Aragominas, como uma questão espacial, retorno à questão espaço-temporal, Juazeiro do Norte tem em seu espaço-tempo um historiografia muito mais longa e com arcabouços bibliográficos dispostos a auxiliar na interpretação dos fatos, isto se dá também, como já dito, pelo tempo de sua história, um município que tem sua construção como vila, marcado desde o século XIX.

O antropólogo Ralph Della Cava em sua longa pesquisa durante a década de 1960 que resultou no seu livro “Milagre em Joaseiro³”, com uma riquíssima quantidade de detalhes sua pesquisa sobre a questão social-política de Juazeiro do Norte. No livro ele trata da questão desde a chegada do Padre Cícero no vilarejo em abril de 1872. De acordo com Ralph Della Cava, pouco se sabe sobre o padre e sua vida em Juazeiro entre 1872 e 1889, ano do milagre.

O movimento do acontecimento do milagre provocou uma reviravolta no lugarejo. Juazeiro passa a receber uma quantidade de pessoas de todos os sertões nordestinos, de Alagoas ao Maranhão para ver o ato, sempre quando Padre Cícero entregara a hóstia na boca

³ Raph Della Cava em todo o livro usa a denominação “Joaseiro”, escrita está como era em seu primeiro nome após a mudança de Tabuleiro Grande. Passa a chamar-se Juazeiro do Norte, devido à cidade de Juazeiro na Bahia.

da beata Maria de Araújo ela sangrava. Esses acontecimentos causaram um conflito com a igreja institucionalizada e romanizada. Mas o movimento popular já estava armado e era impossível controlá-lo.

O recebimento de peregrinos na vila de Juazeiro começa um movimento local, pois alguns destes fixam moradia no lugar, o crescimento populacional traz Juazeiro para um contexto diferenciado dentro do Vale do Cariri. Entre 1890 e 1898, a população de Juazeiro ultrapassou cinco mil habitantes; e em 1909 chegou a 15 mil habitantes. Em 1911, quando Juazeiro recebe por lei estadual a emancipação com desmembramento da cidade de Crato, a população local era duas vezes o da cidade sede (Della Cava, 1976).

Esse boom populacional e de rápida expansão demográfica é resultado das peregrinações [mais tarde denominadas “romarias”], que eram mobilidades sobre o aspecto da devoção ocorreram em espacialidades e temporalidades diferenciadas. No seu auge, desde os acontecimentos do milagre e a condenação romana de 1894, foram motivadas na própria região do Vale do Cariri, principalmente por padres que “acreditavam no milagre”, peregrinos de todas as classes sociais, ricos fazendeiros, chefes políticos, médicos e advogados, e um grande número de pobres desprovidos de terras, que representavam grande parte da população em 1894, iam até Juazeiro para fazer ou pagar promessas.

Todo esse percurso historiográfico até aqui apresentado foi para mostrar como a construção do urbano em Juazeiro do Norte se deu, mesmo que de forma resumida, pois essa construção urbana de um município com ocorrência de localidade de mais de 196 anos de existência não é simples, ainda mais com os diversos acontecimentos espaciais de Juazeiro, a construção da capela de Nossa Senhora das Dores em 1827, a chegada e estabelecimento do padre Cícero a partir de 1872, o prelúdio do milagre em 1889, e todas as peregrinações do lugarejo até 1911, com a emancipação política e padre Cícero se torando o primeiro prefeito da localidade, a guerra de 1914, e não se esquecendo das grandes secas desde 1877 a 1879 e a seca de 1932. A morte do sacerdote em 1934, ascendendo ainda mais as romarias e a “construção do Horto” como local de peregrinação com a construção da estatua do patriarca inaugurada em 1969.

Pensar a cidade com um espaço de o qual é qualificado por diversos agentes sociais, é complexo compreender como esses agentes atuam nesse processo de qualificação desse espaço urbano, assim também é complexo entender seus interesses e contradições. Visivelmente o padre Cícero esteve como protagonista na “construção” de Juazeiro do Norte. Compreendemos a cidade de Juazeiro de outra forma. Concordo com Soares (2014), que

discorreu sobre a produção do espaço urbano de Juazeiro entre 1870 e 1930, ao pensar a estruturação da cidade em múltiplas dimensões, e no caso de Juazeiro partindo da religiosidade e da fé. Pensar Juazeiro de outra forma, não longe da questão religião, mas, nas palavras de Cláudio Soares (2014, p. 3) “[...] queremos é tirar o fenômeno urbano de trás das ‘sombras da cruz’, ou, pra ser mais preciso, das ‘sombras da estátua’”.

A história da cidade de Juazeiro do Norte se confunde com a vida do sacerdote, é comum ouvir que “padre Cícero construiu Juazeiro e ela não seria o que é sem ele”, ou que “sem as romarias a cidade acaba”, é compreensível que em um determinado período histórico de Juazeiro, o poder de sacerdote e masculino do patriarca influenciou no crescimento da cidade, mas é também importante lembrar que, o acontecimento do milagre que fortificou a romaria, e nele a imagem da beata também precisa ser lembrada. Foi observado na visita em outubro de 2022, em campo, que os romeiros reconhecem a beata como aspecto importante no acontecimento do milagre, mas não era mencionada sem ser por nós perguntada. Como colocara Cláudio Soares (2014), essa questão religiosa teve um importante papel em determinado período, mas não o é mais desde as décadas de 1960/1970.

Compreender hoje o espaço urbano de Juazeiro para entender a mobilidade dos romeiros, é necessário lembrar que ela é a segunda maior cidade do estado do Ceará, comporta diversos empreendimentos e tem uma população que se aproxima de 287 mil habitantes (IBGE, 2022). Os romeiros mudaram, mudaram a forma de chegar à cidade e ao Horto, e alguns deles, já muito idosos, nem conseguem ir.

A cidade de Juazeiro muito se diverge de Aragominas, no norte do Tocantins, em tamanho, população, idade e história, mas a trajetória dos romeiros que constituíram o então povoado Pé do Morro, que tempos depois se tornou em município, muito tem haver com as romarias do Cariri cearense e com padre Cícero.

A historiografia do local se inicia na década de 1950, com a mobilidade do primeiro grupo de romeiros. Inclinados com a vinda da beata Antonia Barros de Sousa, que viera sobre ordem do padre Cícero o qual ela teve revelação em sonho. Ele a indicava que se viesse para o morro do cruzeiro teria lugar para viver com sua família. Essa é uma das motivações da mobilidade do grupo adentrando a mata para o encontro do morro do cruzeiro.

Os grupos de romeiros vão chegando a cada ano, o grupo pioneiro, guiado pela beata Antonia, chegou ao morro no dia 27 de julho de 1952, emigrando de um povoado da cidade de Filadélfia, margem esquerda do rio Tocantins no antigo estado de Goiás, com aproximadamente 20 famílias. Eles construíram moradias entre dois morros, o maior, morro



do cruzeiro e um morro menor, onde havia um olho d'água em uma formação rochosa que aflora no solo, o local tornou-se uma pequena vila.

No ano de 1954 chega mais alguns grupos, e com eles o senhor Gregório Libânio, vindo da cidade de Caxias no estado do Maranhão (Tocantins, 2010), o grupo com o qual ele chegara estabeleceram residência no local onde hoje é o centro da cidade de Aragominas, em terras um pouco mais distantes dos morros, numa área mais plana, foi nesse lugar que ele construiu sua casa, seus filhos foram casando e construindo nas proximidades, assim foi se formando um povoado, algumas famílias mudaram-se da vila entre os morros para próximo ao senhor Gregório, e foram chegando outras pessoas de fora também. Gregório foi loteando, vendendo e doando espaços, construíram a igreja a qual foi consagrada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Em 1958 o distrito de Araguaína é elevado a município, por desmembramento de Filadélfia, e em 1988 o povoado é elevado a distrito de Araguaína, nesse mesmo ano, ocorre à divisão do estado de Goiás, criando o então estado do Tocantins, e em dezembro de 1992 é foi desmembrado do município de Araguaína e elevado a categoria de município com a denominação de Aragominas (Tocantins, 2015). A nomenclatura pode ser explicada pelo fato posterior a abertura pelos romeiros, diversos fazendeiros chegaram à região, e vinham especialmente de Goiás e Minas Gerais, e com a proximidade com o Rio Araguaia, criou-se a junção dos nomes. Aragominas hoje conta com 5.290 habitantes segundo o CENSO de 2022 (IBGE, 2022).

Figura 01. Fotografias das Capelas no Cariri cearense e no norte do Tocantins



FONTE: Marcos Pereira Neto, trabalhos de campo em out de 2022 e setembro de 2020 respectivamente. [À esquerda a capela do Sitio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto em Crato-CE; À direita capela no morro em Aragominas-TO].



Figura 02. O catolicismo nas residências no Ceará e no Tocantins



FONTE: O Povo 2019; Ludimila Santos 2021; respectivamente. [À esquerda fotografia da casa de Dona Izabel na Colina do Horto em Juazeiro do Norte-CE; À direita fotografia da casa de Dona Juscelina em Muricilândia-TO].

Essa inter-relação simbólica que é colocada a partir da transmigração é observada em campo, quando tanto em Juazeiro do Norte na visita à casa de Dona Izabel, benzedeira do bairro do Horto, como em Aragominas com dona Maria e em Muricilândia no Memorial Dona Juscelina. A presença de marcas do catolicismo popular é observada de modo bem marcante como mostra as fotografias à cima, o uso de imagens de santo e principalmente a imagem de Padre Cícero nos revela como na migração essa mobilidade da cultura do catolicismo de origem popular do cariri cearense foi transposto no norte do Tocantins.

A romaria em dois de novembro na comunidade Pé do Morro, as noites de penitências com cantorias de benditos e a arquitetura das capelas juntamente com os detalhes dos cruzeiros nos mostra essa transmigração de uma parte do nordeste do Brasil para o norte, em direção as Bandeiras Verdes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo dessas mobilidades é necessário destacar que, não se configura um estudo sobre toda Juazeiro do Norte e todas as nuances que envolvem romeiros, Padre Cícero e as romarias, assim também como não envolve toda a cidade de Aragominas. É um estudo que visa compreender espacialmente a transmigração da cultura justaposta nesses lugares. Esses espaços que foram qualificados por estes romeiros e romeiras negro/as.

A tentativa da compreensão geográfica sobre migração para entender o processo de mobilidade para as Bandeiras Verdes é o que impulsiona a nossa investida sobre tal. Uma análise do processo de constituição das cidades de Juazeiro do Norte e Aragominas, mesmo



que com temporalidades e espacialidades diferentes, é crucial para a compreensão do que é a força dessa cultura do catolicismo popular no que tange a formação de agrupamentos, que consequentemente se justapõe a uma grande mobilidade espacial.

REFERÊNCIAS

Augé, Marc. **Pour une anthropologie de la Mobilité**. Paris : Payot & Rivages. Coll Manuels Payot, 2009.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 1992.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.
Tradução: Maria Yedda Linhares.

HÖFFLER, Angelica. Em busca das Bandeiras Verdes. In. _____ *et al.* **Padre Cícero: Mistérios da fé**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretária da Cultura do Estado do Ceará; Crato: Universidade Regional do Cariri, 2004. p.10-24

IBGE. IBGE Cidades. **Censo 2022**: Aragominas. 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/>.

IBGE. IBGE Cidades. **Censo 2022**: Juazeiro do Norte. 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/>.

LISANSKY, Judith Matilda. **Migrants to Amazonia: Spontaneous Colonization in the Brazilian frontier** (English edition) 1st Edition. Routledge. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 1997.

NASCIMENTO, Beatriz. O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: Uma visão da história regional. In: _____. **Uma história feita por mão negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização Alex Ratts. 1º ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2021 [1981]. Páginas 193 a 212.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **Território e Trajetórias Socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - Tocantins**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. 103 f.

SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. **Espaço e Luta no Pico do Papagaio**. 248 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SOARES, Cláudio Smalley. De Povoado à Cidade: a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte/CE (1870-1930). In: **Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 2014, Brasília. p. 1-16.

SORRE, Max. Migrações e Mobilidade do Ecúmeno. In: MEGALE, Januário Francisco (Org.) **Max Sorre**. São Paulo, Ática, 1994, p. 124-139.



SORRE, Max. **Les migrations de peuples: essai la mobilité géographique.** Flammarion, éditeur. Paris, 1955.

TOCANTINS. **Perfil Socioeconômico dos Municípios do Tocantins.** Palmas. 2015.

TOCANTINS. **A comunidade Pé do Morro em Aragominas-TO.** Org. Leonidia Batista Coelho. Estado do Tocantins. 2010. 41 f.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental.** Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 623 f.